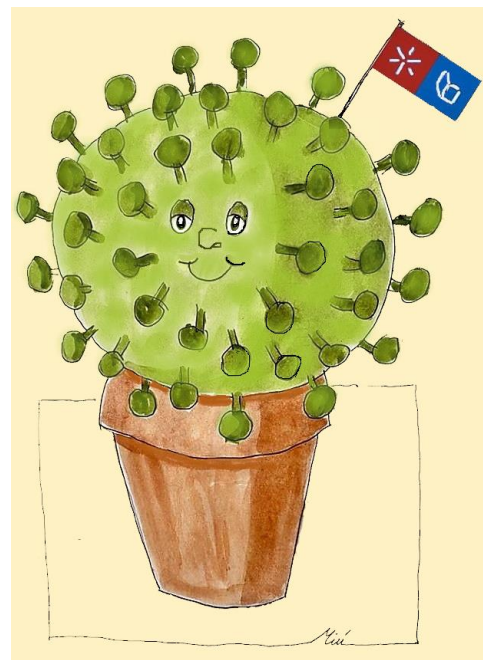




EDITORIAL

JUNHO AINDA ATÍPICO, MAS MAIS PRESENCIAL

Respondendo ao levantamento generalizado das medidas de contenção, o ILCH marcou presença nos *campi* já durante o mês de junho. Em regime rotativo, os funcionários regressaram aos seus locais de trabalho, prestando atendimento presencial pela primeira vez desde março (vd. imagem). A biblioteca VAS reabriu e vários investigadores voltaram a ocupar os seus gabinetes, enquanto que diversas reuniões de trabalho tiveram já lugar, de máscara e com distância física, em torno de uma mesa ou no Auditório. E os agentes centrais da universidade – os alunos – compareceram também pela primeira vez depois de três longos meses, quer em aulas práticas de Teatro, adiadas para os derradeiros dias de junho, quer no Concurso de Acesso à Licenciatura em Música. Num mês marcado por graves perturbações internacionais (*Black Lives Matter*), sobre as quais pedimos a dois colegas do ILCH uma breve reflexão, foi o regresso possível: ainda tímido, ainda parcial, mas já com algum fôlego de retoma e de esperança.



UPA DIGITAL

REITOR RECORDA LICENCIATURA NO ILCH

Numa conversa informal e descontraída com a Presidente do ILCH, ocorrida no primeiro dia da divulgação *online* das licenciaturas da UMinho, Rui Vieira de Castro partilhou a sua experiência como ex-aluno do ILCH. Nesta viagem ao passado não isenta de saudade, o *alumnus*-estrela da nossa Escola evocou o seu ingresso, em 1976, na licenciatura em Ensino de Português-Inglês. Nesses “tempos muito estimulantes”, em que “havia um sentimento coletivo (...) de que se estava a construir uma coisa nova, uma coisa diferente”, pôde “assistir enquanto estudante à construção de uma nova instituição” e à “consolidação das áreas dos Estudos Portugueses e dos Estudos Ingleses e Norte-Americanos” na UMinho. Desse percurso de jovem aluno guarda “excelentes memórias”, em particular “do modo de relação com os professores do Instituto de Letras [...], em quem encontr[ou] invariavelmente uma grande disponibilidade para ajudar a encontrar caminhos”. A escolha das Humanidades deveu-se ao “gosto pela leitura (e pela literatura) e à curiosidade pelas línguas”, aliados a uma “vontade de saber coisas novas [...] e de melhor poder compreender-me a mim próprio e aquilo que me rodeia”. Por isso, o Reitor admite que no ILCH colheu “ferramentas” que o dotaram de uma “atenção particular e [julga] razoavelmente informada àquilo que são especificidades de áreas científicas [...] absolutamente essenciais na universidade” – uma atenção que, aliás, “sempre encontr[ou] nos



sucessivos reitores, independentemente da sua origem”, o que permitiu implementar uma universidade “completa”. [\[VÍDEO\]](#)

ATIVIDADES PRESENCIAIS

TEATRO REPRESENTA PINA BAUSCH

A turma de 1º ano, sob orientação da Prof.ª Joana Providência, interpretou “Lugar de Contactos”, de Pina Bausch, numa semana intensiva de ensino presencial, que teve lugar, por razões de espaço, na sala de ensaios do Centro Cultural Vila Flor, a quem o ILCH endereça os devidos agradecimentos.



MÚSICA PREPARA RECITAIS FINAIS



Também na Licenciatura em Música a *performance* irrompeu no atual contexto de levantamento progressivo das medidas de contenção. Alunos, professores e pianistas acompanhadores prepararam no Edifício dos Congregados os recitais finais de curso que constituem o culminar do percurso formativo dos estudantes da especialidade de Instrumento. Decorreram ainda presencialmente, ao longo da segunda quinzena de junho, as provas individuais do Concurso Local.

WEBINÁRIOS

MITOLOGIA COMPARADA

Em tempos de distanciamento físico, o ILCH não parou, promovendo diversos eventos digitais. A 9, 16, 18 e 23 de junho, por exemplo, António Freitas, investigador do CEHUM e autor de *Os Deuses e a Origem do Mundo* (Quetzal, 2015), organizou em quatro sessões uma viagem pelos símbolos e narrativas mitológicas da origem e do fim do mundo, que contou ainda com uma análise do projeto arqueológico em Tel Burna, por Itzick Shai (Ariel University, Israel).



RELAÇÕES LUSO-ALEMÃS



Os Profs. Mário Matos, Cristina Flores, Orlando Grossegesse e Idalete Dias (na imagem), do DEGE, promoveram durante o mês de junho um ciclo de quatro aulas abertas no âmbito do Mestrado de Grau Duplo em Estudos Luso-Alemães. Foram abordados diferentes temas em torno do contacto entre o alemão e o português, a nível literário, linguístico, cultural e digital.

OPINIÃO

“CADA UM É DA COR DO SEU CORAÇÃO”

Por: Acílio Estanqueiro Rocha (Dep. Filosofia)

Esta asserção do Pe. António Vieira [Sermão XX do ciclo “Maria, Rosa Mística”] nega peremptoriamente qualquer diferenciação entre os humanos pela cor da pele; aliás, proclama aí, de modo insofismável: “Entre os homens dominarem os Brancos aos Pretos é força, e não razão, ou natureza”. E sobre a cor preta, diz com ironia: “Os Filósofos, buscando as propriedades radicais [...], dizem que da cor preta é próprio unir a vista, e da branca disgregá-la e desuni-la. Por isso a brancura da neve ofende, e cega os olhos. E não é isto mesmo o que com grande louvor dos Pretos, e não menor afronta dos Brancos, se acha em uns, e outros? [...]” –, continuando o tema.

Noutro sermão (Quaresma, 1653), exorta os colonos a libertarem os escravos: “Há algum de vós com o *lume natural* que o negue? Pois em que duvidais?”. E prossegue: “Porque melhor é sustentar do suor próprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!”. Em defesa dos índios (que lhe chamavam *Paiaçu*, ou “Grande Pai”), adverte: “El-Rei poderá mandar que os cativos sejam livres; mas que os livres sejam cativos, não chega lá sua jurisdição”.

Crítico severo das desigualdades, increpa os homens públicos, avisando que o melhor antídoto da corrupção é o *mérito*: “A porta por onde legitimamente se entra ao ofício é só o merecimento”, verificando-se que “uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e todos pela negociação” [Sermão do Bom Ladrão, 1655, diante do rei e da corte] – palavras hoje actuais!

Vieira, muito à frente do seu tempo, foi incompreendido, expulso do Maranhão pelos colonos, condenado pela Inquisição. Estranhamente, é-o ainda hoje, pela ignorância e fanatismo. Se foi a *palavra* que deu sentido à sua vida, cada sermão ilustra o “génio de perfeição linguística” (Fernando Pessoa). José Saramago está em unísono: “Chegam dias de férias, uma boa ocasião para entrar [...] nesta língua escrita pelo Padre Vieira. Não aconselho nada a ninguém, mas digo que vou mergulhar na melhor prosa [...]. Alguém quer acompanhar-me?” Acompanhar o nosso Nobel da literatura? Certamente.



JORNADAS

AUTOMOBILISMO ITALIANO

Em versão digital, a 6ª Edição das Jornadas de Italiano foi organizada por Giovanni Battista Tedesco, docente do DER (na fotografia, com uma icónica Vespa). Os participantes ficaram a conhecer a história, as personagens, os criadores, as fábricas, as marcas e os modelos lendários que tornaram famosa a indústria automóvel italiana.



MEDIA

INVESTIGADOR DO CEHUM NA RTP2



José Eduardo Silva, Investigador do CEHUM e Ator (na imagem, terceiro em cima), interpretou “Turismo Infinito”, espetáculo teatral eleito para as comemorações dos 100 anos do Teatro Nacional São João e exibido na RTP2 a 27 de junho. A peça, de António Feijó, com encenação de Ricardo Pais e realização de Paulo Américo e João Tuna (2008), é uma interpretação de textos de Fernando Pessoa/Bernardo Soares e de três cartas de Ophélia Queiroz.

GEORGE FLOYD MATTERS!

Por: Jaime Becerra Costa (DEINA)

Conheci James Baldwin na Universidade de Salamanca um par de anos antes do seu falecimento. Como jovem estudante de literatura norte-americana, tinha descoberto a prosa fluida e fantasticamente visual de um dos autores negros mais reconhecidos como aguerrido opositor da discriminação das minorias (*Nobody Knows My Name*). Baldwin, perante a minha pergunta de se voltaria a escrever, no mesmo tom conciliador, a carta sobre as relações raciais que escrevera ao seu sobrinho em 1962 (*My Dungeon Shook*), respondeu-me: “But now from France, though”. Baldwin não tinha desistido da conquista da harmonia inter-racial embora, como ficou claro na sua resposta, não parece que a tenha encontrado na Europa. Vejo, nestes dias de crispação racial sublinhada nos media, que Angela Davis, a quem Baldwin defendera, também numa carta publicada nos jornais (1970), por ocasião da sua detenção e julgamento por motivos raciais, nos fala da educação como a base desde a qual acabar com as atitudes racistas. Para Davis, este é um problema de carácter global e não meramente norte-americano. Sim, é nos EUA onde se encontra mais empolgado e é mais visível. É assim porque este país surge numa revolução radicalmente democrática onde a igualdade é um valor consagrado logo na sua Declaração de Independência, e qualquer tentativa de pôr em causa esta fundação em qualquer dos seus apartados põe em causa, como bem sabem os americanos, a própria existência do seu país. Assim, em virtude do individualismo consubstancial à noção de cidadania americana, “George Floyd matters”! Ironicamente, o direito de porte de armas, aquele que antanho serviria para defender o processo revolucionário, que se entranha até ao século XXI, é transformado, por mor da tecnologia, no direito de registar e denunciar, com um telemóvel, os devaneios de um modo de agir enquistado num passado tão absurdo como covarde. Não me posso esquecer aqui de Randolph Bourne, para quem, no seu ensaio *A América Transnacional*, o mito do *melting pot* impedia o surgimento de uma América autêntica, pós-moderna, ao tentar *fundir* aquilo que constitui a verdadeira identidade americana: a variedade, a individualidade e a diferença.

